

# DO SUJEITO DO SEXO AO SUJEITO DO HOLOGRAMA



Ricardo Steil

**Do Sujeito do Sexo ao Sujeito do Holograma**  
**Tradução: Ricardo Steil**

**AVISO IMPORTANTE**

Este material [*publicação não comercial d'O Letra Lacaniana*] destina-se unicamente a *fins de estudo* .

Desejamos à todos uma boa caminhada em sua formação.

*Ubi desiderium verbis occurrit*®

Maio/2025

[www.letralacanianana.com.br](http://www.letralacanianana.com.br)

# DO SUJEITO DO SEXO AO SUJEITO DO HOLOGRAMA

Autor: Ricardo Steil

Ora, é inegável: compreendemos que o sujeito da modernidade vive a questão do “delírio discursivo”... “delírio semântico”, visto que está sempre entre o verdadeiro e o falso. Dualidade que lhe permite ter “um sentido”... “um sentir-em-si”.

A questão de posicionar-se na dúvida do verdadeiro ou falso [é-ou-não-é] proporciona-lhe uma existência “em espelho”, à qual pode referenciar-se. Nesse caso, com o Outro. Por isso, o sujeito moderno vive o “sexo”: aquilo que excede a função do corpo biológico – do instituído ao corpo.

Em suma, podemos concluir que “o sexo é a busca de ter algo da imponentia do Outro”.

Se formos além, veremos que, por estar o “sexo n’Outro”, o sujeito moderno traz consigo uma “sombra”. Ele não é a “sombra”, mas traz consigo “a sombra”... a sombra do Outro.

E recordo: tudo que tem uma sombra ex-iste.

Prossigo, mesmo que a própria existência do sujeito referenciado seja ser também a “sobra” e estar “à sombra”, sob aquilo que lhe possibilita um verdadeiro ou falso, que lhe possibilita dualidades, escolhas e recalque.

Por outro lado, o sujeito da contemporaneidade, do hiper-real, não vive o “delírio discursivo/semântico”, mas a “alucinação realista”, mediante a ausência do dual.

Insisto: a “alucinação realista” resulta da inexistência entre o verdadeiro e o falso, já que tudo “é-o um pouco mais”, de modo que já não há sentido, não há um “sentir-em-si” nem um “sentir-se”.

Compreenda, jovem leitor: se, no sujeito moderno, “há o sexo”, sua questão é diante do encontro com o “Outro sexo”. No sujeito contemporâneo, não “há aquilo que excede”, que tem “sede” de ser... Aqui, no lugar do “sexo n’Outro”, há o Holograma: uma simulação, tentativa ultrarrealista de ser “à própria perfeição”.

O Outro não é buscado no “outro” sexo. Não há o Ao Menos Um, nem a dor, a inquietude da “falta” na cadeia funcional quântica do “Ao Menos Um”. Já que o Outro é o próprio sujeito. Ele é seu próprio objeto... Objeto a.

Por isso — e é o que mais vemos na clínica e no dia a dia — o sujeito da contemporaneidade busca, implora, persegue por próteses.

Próteses como o “cérebro eletrônico”, a “face de mármore”, “a cintura Barbie”, o “pênis-osso”... Tudo porque pensar por si, envelhecer, ter medidas e descobrir-se organicamente passível de falha é haver-se consigo, estar-em-si, pensar em soluções por si — criar, imaginar, refletir — ou seja, decretar: sou imperfeito, sou ao-menos-algo, não-todo possível.

Em suma: algo insuportável. Afinal, é saber que se precisa de uma sombra. De que viver é ter um Outro como paraíso, inferno e constituição.

### **Concluindo:**

O sexo necessita de um segundo; por isso, é a dois.

Porém, o Holograma só precisa manter-se translúcido, atravessável. E é aqui que comprovamos que há a queda da semântica. Pois a semântica é um ato sexual, é o risco do encontro com o Outro no outro.

Todavia, quando o sujeito se torna semiótico, este só precisa ser um Holograma. Não há semântica, discurso, presença discursiva no setting analítico.

Já que o Holograma é aquilo que só precisa ser o que é: um em-si intocável, mas ainda assim visível.

Ora, a psicanálise constituiu-se frente a uma sociedade neurótica (do mal-estar). Produziu sua teoria, suas ferramentas, pautadas nessa forma social milenar.

Entretanto, estamos diante de outra sociedade: a holográfica – a sociedade do discurso negado, interrompido – que preza a não presença discursiva, obviamente interferindo no motor da análise: a transferência.

Como lidar com aquilo ao qual nossa teoria – e nossas ferramentas – não se adaptam?

Ficando inquietos e buscando outras formas de contribuição para responder a esse questionamento, assim como fizeram Sigmund Freud, Jacques Lacan, Piera Aulagnier, Joyce McDougall, Nathalie Zaltzman, Paulo Roberto Ceccarelli, Massimo Recalcati...

Ficamos por aqui.

Ricardo Steil  
Psicanalista | Psicólogo  
Supervisor Clínico